



UMA CARTA, COM PAIXÃO QUE ME PERMITO (ME PERMITEM)

José Novaes
jonovaes17@gmail.com

Talvez, pensei, pudesse compô-lo como uma carta, este testemunho, à maneira drummoniana: "Bem quisera escrevê-la/com palavras sabidas,/as mesmas, triviais/ embora estremecessem/a um toque de paixão./Perfurando os obscuros/canais de argila e sombra,/ela iria contando/que vou bem, e amo sempre/e amo cada vez mais/a essa minha maneira/torcida e reticente,/..."

Logo me dei conta de que talvez não o conseguisse; não tenho capacidade para reunir, como o poeta o faz, nem mesmo palavras sabidas e triviais, ainda mais estremecidas pela paixão. Minhas paixões são sempre torcidas e reticentes; só me cabe tentar perfurar os obscuros canais de argila e sombra da memória, e dar este testemunho. Percebo então que esta tentativa caminha ao lado dos objetivos e da trajetória do Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. Vejamos se, com este testemunho-que escrevo na condição de ex-preso político, em 1970, e fundador do grupo-eu possa me aproximar minimamente ao que o grupo fez, em sua história de mais de 30 anos.

Começaria esta carta-testemunho afirmando que o GTNM-RJ, desde o seu nascimento em 1985, vem construindo e ocupando um lugar importante na luta pelos Direitos Humanos no Brasil. Saíamos de 21 anos de ditadura civil-militar violenta, criminosa, e muita coisa havia para ser feita no reordenamento econômico, político, social, cultural e institucional do país. Nesta agenda assoberbada, muitos talvez considerassem que esta bandeira não devesse ter um lugar de importância maior. Esta (in)compreensão, aliada ao fato de que a luta pelos Direitos Humanos tivesse

pouca tradição no Brasil, tornou hercúlea a tarefa dos que se reuniam inicialmente para criar e institucionalizar o grupo.

As condições que permitiram esta construção são muitas, a destacar o esforço, o denodo, a insistência, a força de quem acreditava nos ideais expressos pelo grupo. Uma condição política potencializadora, que orientou e sustentou sua construção, creio, foi a posição de autonomia e independência que o GTNM-RJ-desde o primeiro momento-manteve diante dos poderes e instituições políticas, principalmente, mas de outra natureza também: governos, partidos e figuras políticas, grupos diversos. Mesmo diante de aliados na luta, mantinha sua identidade, não se confundia, afirmava suas diferenças, alcançando a unidade de ação. Muitas vezes, à custa de um grande esforço, enfrentando pressões e incompreensões, mas conseguindo o acordo, o respeito e a admiração por parte de muitos. As viúvas da ditadura bem o perceberam: compreendendo que o GTNM-RJ, com seu eficiente trabalho de pesquisa dos crimes cometidos pelo aparato repressivo terrorista estatal, representava um perigo para o seu encobertamento e a manutenção do silêncio, investiu contra ele, criando o-não sei se mais ridículo ou infame- ternuma (em minúsculas, mesmo), terrorismo nunca mais- os psicólogos conhecemos o comportamento projetivo.

Estas autonomia e independência se revelaram de modo muito nítido em sua correção quando o grupo tomou posição diante do processo de levantamento oficial, feito pelo governo, dos crimes da ditadura, com a criação da Comissão Nacional da Verdade. O GTNM-RJ apontou a origem espúria do processo, que o manchava desde o início, e vaticinou seu resultado como decepcionante e extremamente limitado; dito e feito.

Escrevo esta carta-testemunho às vésperas da trigésima edição da Medalha Chico Mendes de Resistência. Em 1988, o grupo criou um dos eventos mais importantes e significativos na luta pela memória, onde homenageia pessoas e instituições-que são apresentadas e escolhidas democraticamente, com a participação de organizações aliadas-que se notabilizaram na resistência à ditadura. O evento apresenta alguns dos resultados do trabalho de pesquisa realizado pelo grupo, que ergueu um acervo inestimável que ilumina a escuridão em que ainda, em boa parte, está imerso o período ditatorial.

A pesquisa realizada pelo grupo, com a construção do acervo, só pode ser feita porque não estava submetida aos cânones de pretensas "objetividades" e "neutralidades", próprias a uma pesquisa "científica", de uma cientificidade artificial, enganadora, que direciona aprioristicamente, aprisiona e finalmente paralisa o esforço de pesquisa.

Finalizando: a quem endereço estas mal traçadas de minha carta-testemunho? Por justiça: a todos os atingidos, direta ou indiretamente, pela ditadura, os perseguidos presos, exilados, torturados, mortos e desaparecidos. Seu número continua a aumentar, por força da continuação da política repressiva e assassina e dos aparatos construídos, que perseveram nas organizações ditas de "segurança" da sociedade-um escárnio, pois só trazem e/ou aumentam a insegurança social.

Talvez possa, então, terminar a carta-testemunho dizendo, como termina Drummond seu poema: "...e não vale acordar/quem acaso repouse/na colina sem árvores./Contudo, esta é uma carta. "Não os acordemos, repousem em paz; vocês, e sua memória, vivem em nós, e nos movem de modo instigante, angustiantemente, para construí-la, preservá-la e divulgá-la.

Referências Bibliográficas

Andrade, C.D. Carta. In: Nova Reunião. 23 Livros de Poesia. São Paulo: Editora Companhia das Letras/Editora Schwarcy, 2015.

Benjamin, W. Sobre o Conceito de História. In: Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

José Novaes: Psicólogo, Doutor em Comunicação Social pela ECO/UFRJ, Professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, Ex-preso político e um dos fundadores do GTNM/RJ. Ex-presidente/Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro. E-mail: jonovaes17@gmail.com

Artigo recebido para publicação em: Março de 2018.
Artigo aprovado para publicação em: Abril de 2018.

Como citar:

NOVAES. José. Uma carta, com paixão que me permito (me permitem). **Revista Transversos. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”**. Rio de Janeiro, n^o. 12, pp. 171-174, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.33658

